



MENTES CORRUPITAS

Acordei de madrugada. Outro sonho ruim. Eu chegava a casa, e minha família ria de mim, atirava-me objetos. Como os outros. Respirei fundo. “Foi só um pesadelo”, disse a mim mesma. Pena que acabou.

Não, não sou louca ou masoquista, mas, se tivesse de escolher entre a realidade em que vivo e a fantasia que me domina, eu, então, passaria a vida como um personagem de Walt Disney. Na fantasia, eu posso sofrer, mas sei que nada é real. Na realidade, vou à escola com medo, com remorso e pouco me esforçando para esconder a humilhação. Ao entrar na sala de aula pela manhã, ouço risinhos e cochichos e o mesmo grupo de sempre me chamando de “japa”, “Jackie Chan”, ou aqueles mais criativos, que me chamam de “sushi”. E o que fazer quando não há para onde correr? Se saio da sala, sofro nos corredores. Sento-me em meu lugar, no canto, refugiando-me em mim mesma; o único lugar seguro quando o exterior só faz o humilhar.

Mas é seguro mesmo? Às vezes duvido de minha própria sanidade perante assuntos como este, quando não sei mais o que fazer para me deixarem em paz, e minha mente, sozinha, anda por caminhos mais obscuros. “Posso colocar algo no copo deles enquanto ninguém olha”, “Sei onde ela mora, o que custa carregar um martelo escondido e esperá-la em seu quarto?” E o pior é que não sei por mais quanto tempo vou conseguir conter-me de ceder a esses apelos inconscientes. Não vejo o problema que eles veem em ser oriental, juro que tentei.

Sento-me na cama. É sábado, está quase amanhecendo. Sinto meu braço arder onde uma garota me socou ontem, pois, aparentemente, eu como cães no jantar, como alguns fazem na China.

Minha mente automaticamente projeta imagens de meus colegas sofrendo, queimando, sangrando. Vejo-me rindo. Acima de tudo, deleitando-me.

Subitamente, um plano desses não me parece mais tão cruel. É só uma vingancinha, não é? Levanto-me, calçando os chinelos. Papai acabou de comprar um faqueiro. Será que encontro?

Raysa Fernanda Silvestrin
3º do Médio / Itajaí
2011